

# Desafiar os perigos, atrever-se a fazer a revolução!

## A crise geral do capitalismo se agrava e a situação revolucionária em desenvolvimento exige mais decisão e audácia dos revolucionários

*“O imperialismo é a partilha e repartilha do mundo, neste sentido conduziu à militarização completa todos os países do mundo.”*

Lenin

*“A lei do imperialismo é provocar distúrbios e fracassar, voltar a provocar distúrbios e fracassar outra vez, tornar a provocar distúrbios até sua derrocada final. Por sua vez a lei do povo é lutar e fracassar, voltar a lutar e fracassar outra vez, voltar a lutar até triunfar totalmente.”*

Presidente Mao Tsetung

A ofensiva militar sanguinária do Estado sionista de Israel contra o povo palestino da Faixa de Gaza, iniciada no dia 27 de dezembro de 2008, em que pese ser os massacres um plano permanente do imperialismo, o genocídio e o terror sobre a população palestina em Gaza, é também expressão da agudização das contradições interburguesas e interimperialistas frente à colossal crise que sacode o sistema capitalista mundial.

Os bombardeios e incursão de tanques e tropas israelenses assassinaram mais de 1.300 palestinos, homens, mulheres e crianças e fizeram mais de 1.500 feridos e mutilados. São dias de horror que faz a humanidade se recordar dos piores e mais aterradores momentos que se imaginava ter-se extirpado para sempre, como foi a ocupação nazi-fascista da URSS e de outros países, os bombardeios na Coreia e no Vietnã. Faz despertar a humanidade do torpor da lavagem cerebral ministrada diuturnamente pelos monopólios de comunicação de que se vive uma suposta “era de prosperidade” para todos, acordando para a realidade de um brutal sistema de exploração e opressão cruel. Coloca mais do que nunca a Humanidade diante da questão de que enquanto existir o capitalismo o genocídio e os crimes mais hediondos e indescritíveis se abaterão impiedosamente sobre os povos e massas oprimidas da terra.

Só a propaganda imperialista mais obtusa pode ver algo de legitimidade nas ações criminosas, ensandecidas e ignominiosas do sionismo israelita. Além do que, qualquer um vivente neste mundo, sabe que o Estado de Israel, como ponta de lança terrorista do imperialismo ianque é o mais arrogante, mais descarado, mais desalmado e mais sanguinário do mundo hoje, superando o nazismo em seus requintes de crueldade.

O objetivo imediato do ataque foi o de golpear estrategicamente a resistência palestina, particularmente sua força mais ativa e representativa, o Hamas e a organização estatal que estão edificando, para debilitá-la ao ponto de se impor através dos seus lacaios, traidores, capituladores e colaboracionistas, do tipo Al Fatah de Abbas, para ressuscitar o cadáver da desmoralizada “Autoridade Palestina” criada pelo imperialismo nos Acordos de Oslo.

O horror aplicado com os bombardeios sobre Gaza recorre ao mesmo figurino da estratégia contrainsurgente imperialista de praticar o terror contra as populações pobres para tornar insuportável suas vidas e obrigá-las a deslocar-se a outros territórios e destinos. O já surrado “*Secar a água para pegar o peixe.*” Manter sob escravidão, para melhor explorar as massas e sugá-las até a última gota de seu sangue, saquear suas riquezas naturais como o petróleo e o gás, bem como sentar bases militares de sustentação de sua estratégia de dominação mundial.

Mais uma vez “*causar distúrbios e fracassar*”. Nada conseguiram senão que mais um bestial banho de sangue, rios de sangue derramado do heróico e glorioso Povo Palestino e muito mais ódio e ira das massas populares de todo o mundo! Gaza se tornou um terreno minado condenando as hordas assassinas de Israel a duas condições: ou retirar-se inapelavelmente sem alcançar seus objetivos ou a de, na insistência em continuar, ver seus soldados, morrerem um a um, atolados no pântano de seu próprio sangue. Morte aos genocidas sionistas! Viva Gaza, luminosa trincheira de combate!

Empurrando ações bestiais como estas estão as pugnas dos grupos de poder em Israel e USA, que em meio à crise colossal do sistema capitalista, apressam-se em assegurar os interesses das classes e círculos monopolistas que representam. São contradições entre frações da burguesia monopolista que se agudizam com a crise e se estremecem com as mudanças no controle do aparelho de Estado. Contradições interimperialistas agravadas que se expressam em

mais agressões e genocídio contra os povos. Em meio à crise, se por um lado, Obama representa o mesmo imperialismo ianque feroz, ainda que profundamente abalado e ameaçado de uma *débâcle*, por outro, ele representa os interesses de certos grupos de monopolistas (banqueiros, industriais, comerciantes e dos serviços) que estarão mais protegidos contra a inevitável desgraça que se abaterá sobre outros tantos e fomentará mais e mais crises políticas no mundo. Da mesma forma e pela mesma razão, em Israel, a luta entre os grupos e frações da burguesia se torna, cada vez mais, uma luta de vida e morte.

Por fim, os dias de horror também expuseram uma vez mais o significado da ONU, mais que nunca desnudou a verbosidade diplomática dos postulados do “direito internacional”, deixando patente perante o mundo sua condição de balcão de negócios das potências. O Papa, ora o Santo Papa Benedito puxou a orelha de Israel pelos excessos e abominou o terrorismo dos gentios filisteus. E juntos, os governos de todo o mundo, à exceção dos de Cuba, Venezuela e Irã, enfim toda a reação engrossou o coro dos lacaios, submissos e pusilânimes exigindo um cessar fogo de ambas partes. Ou se calaram covardemente. Outros, como o gerenciamento petista e seus asseclas, que não perde qualquer oportunidade para faturar publicidade enviou um carregamento de band-aids.

### **A crise geral do capitalismo desborda**

A atual crise financeiro-econômica que sacode o mundo inteiro desde as entranhas do sistema capitalista mundial é produto das suas contradições, insolúveis nos seus próprios marcos. A crise de superprodução relativa de mercadorias e o parasitismo (especulação desenfreada, dinheiro fictício, etc. – os chamados “derivativos” são estimados na ordem astronômica de US\$500 trilhões a US\$1 quatrilhão frente a US\$70 trilhões de economia produtiva mundial/ano) somadas às medidas de enfrentamento da tendência da queda da taxa de lucro (exportação, expansão artificial do crédito, etc.) conduzem inevitavelmente à crise, que se repete em ciclos. Nas condições de sistema de monopólios que caracteriza o capitalismo na época imperialista as crises tendem a ocorrer em intervalos cada vez menores e em proporções gigantescas e de abrangência mundial. Atualmente, a crise tem característica particular que difere dos *cracks* das bolsas das últimas décadas: a de que ela se originou no interior da economia mais forte do mundo, o USA.

Diferentemente da crise de 1929 (desencadeou uma depressão de quase uma década e conduziu à II Guerra Mundial para nova partilha e por hegemonia) em que a quebradeira correu solta sem qualquer intervenção de socorro estatal, desta vez vimos os arautos do “neoliberalismo”, do “Estado mínimo” e do “mercado-deus” meterem as mãos nas arcas do tesouro público para sacar bilhões e bilhões de dólares e euros para entregar generosamente aos bancos e demais monopólios, comprar títulos podres, dívidas impagáveis, comprar corporações falidas, etc. E podemos ver ainda que os planos mirabolantes de Obama para gerar os prometidos 4 milhões de empregos não resistem à teimosia das contradições do capitalismo agonizante como a necessidade do fomento da guerra (Iraque, Afeganistão, Palestina, Somália, etc.) da qual não poderá fugir e terminará por jogar por terra seus últimos arroubos de “bomocismo”. Pois, apesar de premiados com farta bolada os bancos e corporações jogam na rua impiedosamente centenas de milhares de trabalhadores. Ademais das gigantes da indústria automobilística de USA, União Européia e Japão, outras como Philips, UAL Corp, Microsoft, Clear Chanel Communications, Harley Davidson, Intel, BHP Biliton, Corus Siderúrgica, Hitachi, Panasonic, Pfizer, Sprint Nextel, Home Depot, Caterpillar entre tantas e os grandes bancos vivem processos de anexação, fusão e açambarcamento entre si e sobre outras numa tempestade de concentração e centralização de capital nunca vistas, as quais anunciam planos e mais planos de curto, médio e longo prazos de ajustes, ou melhor, de demissões massivas que ultrapassam os 15%, 20% de seus contingentes de empregados.

No Brasil não pode ser diferente e logo, com o passar dos meses, revelará o quanto de pior será em relação aos países imperialistas. As demissões que iniciaram já em dezembro de 650 mil empregos formais são o desencadeamento da ciranda de morte sobre os trabalhadores insuflando a espiral descendente na economia com recessão, carência do crédito, inadimplência desembestada, inflação inevitável, juros extorsivos e crise social. Os poucos acontecimentos já fazem troça e cacos das altissonantes imbecilidades ditas pelo lacaio mor Luiz Inácio sobre a crise, como os seus cacarejos de que a crise no Brasil não passará de “marolas” e de que o povo “deve continuar gastando”. O impacto dessa crise geral do capitalismo sobre o Brasil inevitavelmente aprofundará sua condição semicolonial e a miserabilidade de dezenas de milhões de brasileiros, incrementará o mar das injustiças sobre o povo e abalará gravemente as frágeis e podres bases do capitalismo burocrático vigente.

### **O imperialismo, etapa superior do capitalismo**

A crise atual é também oportunidade a mais dentro da necessidade de se estudar constantemente a questão do imperialismo, particularmente no momento em que, após toda ladainha de “globalização”, conceito do arsenal ideológico da reação burguesa que o revisionismo cuidou rápido de adotar como eufemismo de imperialismo, tratam de ressuscitar as velhas teses kautskystas da transmutação do imperialismo em novas formas mais civilizadas de organização social. Inclusive “novidades” que insistem na não existência mais das contradições interimperialistas, estupidez política que não resiste um só dia frente às mais brutais agressões imperialistas a países dominados, que nada mais é que a dimensão atual que a contradição interimperialista se expressa, através da imposição do mais forte na nova partilha em curso. São teorias ocas e medíocres frente a fortaleza granítica da ciência de Marx, Lenin e Mao.

O imperialismo, como bem analisou e sintetizou Lenin, é a fase superior do capitalismo. O imperialismo é uma fase particular em que é “capitalismo monopolista, capitalismo parasitário e em decomposição e capitalismo agonizante.” São as seguintes as características essenciais do imperialismo: 1) a concentração de capital e da produção criou o monopólio que domina toda a economia; 2) o capital financeiro – resultante da fusão do capital bancário com o capital industrial – hegemônizou sobre os demais capitais; 3) a exportação de capital (ademais da exportação de mercadorias); 4) a política colonial como necessidade; e 5) começou e terminou a partilha do mundo entre as potências. Em decorrência disto a lei do desenvolvimento capitalista passou a ser não mais o lucro simplesmente, mas o lucro máximo. Para isto a guerra de rapina pela partilha e repartilha do mundo entre as potências mais fortes tornou-se inevitável e a militarização em todos os termos dos diferentes países a primeira condição de existência. Eis as duas grandes guerras mundiais e tantas outras regionais que marcam todo o século XX e abre o XXI.

Em suma, Lenin mostrou que o imperialismo é a última fase do capitalismo e que ele prepara a sociedade para uma forma superior de organização. Só que, por mais aguda e profunda que chegue sua crise geral, enquanto sistema ele não cairá nem desaparecerá por conta de seu apodrecimento e de suas crises, terá que ser derrubado e destruído pelas massas trabalhadoras exploradas organizadas em processo revolucionário. Só poderá ser derrubado e destruído por completo ao ser substituído por outro sistema superior, o socialismo fase inferior do comunismo.

Lenin mostrou ainda que na época do imperialismo o mundo foi dividido entre um punhado de nações opressoras (as potências) por um lado e o resto (imensa maioria) de nações oprimidas por outro. O capitalismo hoje é o sistema imperialista e nele só há basicamente dois tipos de países: os que possuem colônias (atualmente são principalmente semicolônias) e os que são colônias. No entanto, desde o surgimento do imperialismo, tem existido algumas formas intermediárias de dependência caracterizada por semicolônia. Alguns casos, devido a determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas e acentuadas relações de tipo capitalista aparentam progressos e são denominados de países dependentes. Mas trata-se de apenas aparência, pois em essência seguem dominados e regidos pelos interesses do imperialismo. O avanço da revolução proletária no início e meados do século XX gerou um potente movimento de libertação nacional que conduziu a uma grande liberação dos países coloniais. Porém, com a reação imperialista e o surgimento do revisionismo moderno estes países não completaram sua libertação favorecendo um movimento de recolonização da maioria destes. De uma forma geral qualquer país no mundo hoje pertence a uma destas duas categorias: colônia ou semicolônia, principalmente semicolônia.

### **Uma nova onda da revolução mundial se iniciou**

A crise geral do capitalismo entre seus ciclos que se encurtam cada vez mais vai se agravando e produzirá um salto qualitativo em suas conseqüências em determinado momento. A intervenção zelosa dos círculos imperialistas em tratar e se prevenir, projetando *n* modelos de simulação dessas crises tem conseguido fazer frente às mesmas, inclusive favorecidos pelo enfraquecimento e mesmo crise que ainda vive o movimento antiimperialista e comunista internacional. Contudo em meio de tantas reviravoltas, desde a restauração capitalista na China desencadeada com o golpe da camarilha traidora de Teng Siao-ping (1976), várias lutas revolucionárias dos povos em vários países seguiram em frente enfrentando o vento e a maré contra-revolucionária. Na Turquia, nas Filipinas e na Índia a guerra popular seguiu persistindo e defendendo o programa revolucionário. Embora não tenha sustentado mais que uma década, a revolução do heróico povo nicaraguense (1979) representava o esforço revolucionário dos povos. Mas foi com o desencadear da guerra popular no Peru (1980), levantando alto a bandeira vermelha do proletariado, sua ideologia científica do marxismo-leninismo-maoísmo, incendiando a cordilheira dos Andes que se marcou de forma nítida a retomada com o início de uma nova onda da revolução proletária mundial.

A ofensiva contra-revolucionária de caráter geral e convergente entre imperialismo e revisionismo, sob o mando dos imperialistas ianques, conluídos com Gorbachov e sua reacionária *perestroika*, ainda reforçada com o labor reacionário da igreja com João Paulo II, desatou-se sobre a terra uma das mais tenebrosas ondas da reação mundial. Seu auge no início dos anos de 1990, ademais de levar de roldão a URSS social-imperialista que permitiu aos ianques, sem qualquer reclamo das demais potências imperialistas, invadir o Iraque e definir assim a condição do USA como a de superpotência única e hegemônica. A tempestade contra-revolucionária varreu o Leste Europeu e o resto do mundo brandindo o “fim do comunismo” e o “fim da história”, que o “socialismo só um terror”, que o “capitalismo é eterno” e que se inaugurava uma “Nova Ordem” como uma longa “era de prosperidade, democracia e paz”.

Decretou-se então oficialmente o fim da “Guerra Fria”, porém logo a guerra quente explodiu pela partilha do botim do leste da Europa, retalhando seus países em pedaços entregues às facções mais fascistas para comandar a nova era de pilhagem imperialista. Evidentemente não poderia haver auge da ofensiva contra-revolucionária sem atacar o ponto mais radical e perigoso da revolução que representava a guerra popular no Peru. Em 1990 se desencadeou, sob o mando direto da CIA e do Comando Sul das FFAA ianques, as campanhas mais sanguinolentas contras as populações camponesas da serra peruana, com bombardeios e massacres de populações inteiras na tentativa de varrer as bases de apoio da revolução e descabeçá-la com o aniquilamento em massa de quadros do PCP, nas áreas rurais, nas cidades e nos presídios. Golpearam profundamente a revolução impondo novas condições complexas para sua continuidade.

Contudo, ademais das bolhas de crescimento no USA, Europa e Japão seguiram com baixo crescimento ou estagnados. Debilitada ao fundo do poço a Rússia pouco a pouco se levanta sob a bandeira do nacionalismo chauvinista remontando um capitalismo burocrático centrando em grandes monopólios do petróleo de reservas abundantes e do complexo industrial-bélico. Logo a Rússia retomou o cenário e sua nova burguesia mostrou seus dentes ferozes retomando as pugnas imperialistas pela disputa de esferas de influência (particularmente reclamando os países da ex-URSS) e partilha mundial. A China de capitalismo restaurado, apoiada nos potentes acúmulos dos anos de construção socialista que lhe serviu de “acumulação primitiva de capital”, impondo através de um regime fascista a mais brutal exploração sobre os trabalhadores escancarou suas portas para que o capital transnacional (principalmente ianque) instalasse ali suas novas plantas industriais. As gigantescas plataformas para exportação, rendendo lucros astronômicos aos capitais logo revelou sua armadilha batendo a todos na competição do mercado mundial. Aí e na crise financeiro-econômica do USA reside a bomba relógio da quebra indescritível do sistema capitalista e da crise política formidável que está se gestando no mundo hoje.

A negra perspectiva antevista pelos círculos imperialistas ianques levou uma luta sem quartel para que o grupo mais reacionário ocupasse a Casa Branca com planos sinistros de intervenção para enquadrar o mundo à sua “Nova Ordem”. Para desencadeá-los montaram a medonha provocação do 11 de setembro criando o pretexto e justificativa necessárias a sua “guerra infinita” ou “guerra ao terror”. A invasão do Afeganistão e do Iraque, ademais de prosseguir as provocações e massacres contra o povo palestino somente aumentou a folha corrida assassina dos ianques. A resistência do povo iraquiano e afegão empantanou uma vez mais as hordas imperialistas que não podem vencer a guerra e nem obter seus objetivos mais ambiciosos, tampouco podem retirar-se de imediato sob pena de precipitar a derrocada que têm conseguido empurrar indefinidamente a um futuro qualquer. Os golpes da resistência, os fracassos após fracassos do império e de seus lacaios em cada país, fazem levantar com novo ímpeto a nova onda revolucionária mundial. Mas é entre voltas e reviravoltas que a revolução pode progredir. A guerra popular no Nepal em dez anos apenas atingiu a etapa da ofensiva estratégica. Porém, a reação traquinada frente ao perigo do triunfo da revolução, principalmente do temor que a repercussão de um triunfo revolucionário, seja em que canto for do planeta, lança seus arsenais ardilosos como é os da negociação. A direção revolucionária do Nepal não é a primeira e nem a última a se enredar na trama da reação. A pouco, grande parte da direção do PCP na prisão lançou as “cartas de paz” para parar a guerra popular, desarmar o exército do povo e capitular por um “prato de lentilhas” que sequer chegaram a provar. Seguem presos e sem alcançar seus objetivos capitulacionistas.

Porém, a revolução avança impetuosa na Índia com duros golpes aplicados pelo Exército Guerrilheiro Popular de Libertação sob a direção do Partido Comunista da Índia (maoísta), assombrando toda a reação indiana e imperialista, desesperando os revisionistas incrustados no velho Estado reacionário e expansionista. A guerra popular no Peru recobra suas forças e entre mil dificuldades vai saindo à frente com ações contundentes contra as operações de cerco e aniquilamento do Estado peruano dirigidas pelos especialistas ianques. Até mesmo a luta armada das FARC, que iludida com possibilidades negociadoras (produto de sua ideologia pequeno-burguesa) caiu em várias arapucas montadas pelos palhaços Chaves da vida, após levar duros golpes e o inimigo ter cantado glórias de triunfo, segue se

mantendo e será o bandido do laçao Uribe que vai se estropiar nas próximas eleições. Depois de ter sido escorraçado do Líbano pela resistência encabeçada pelo Hisbolah as hordas assassinas de Israel pensaram que numa operação relâmpago contra a resistência palestina (sabidos que o Hamas não tinha meios de guerra como dispunha o Hisbolah) tiveram que se retirar de uma Gaza materialmente destruída, porém politicamente e moralmente mais vigorosa e mais luminosa que nunca.

Da mesma forma, não serão os mil jogos de engodos dos oportunistas que salvarão para sempre os planos da grande burguesia, dos latifundiários e do imperialismo na América Latina como vem ocorrendo com os governos da “esquerda” oportunista, eleitoreira, bravateira e capacho do imperialismo. Cresce a luta popular em todo continente, novas forças se preparam e novos combatentes se alistam para os combates mais cruentos. A situação revolucionária se desenvolve, ainda que de forma desigual mundo afora. O proletariado dos países imperialistas levantam suas bandeiras de lutas e armam barricadas, ensaiando novos passos para a revolução. Sob o sombrio ambiente que a crise do capitalismo lança aos lares proletários e às choças camponesas um espectro ronda. É o espectro da nova onda da revolução proletária que já se iniciou.

### **A situação dos países coloniais e semicoloniais**

Assim os países, particularmente da Ásia, África e América Latina, explorados e dominados secularmente foram ainda mais subjugados com o advento do imperialismo no final do século XIX e neles se desenvolveu um tipo de capitalismo burocrático, resultante da política colonial capitalista moderna, da exportação de capital, das guerras de partilha pela sua dominação. A fusão do capital financeiro com a base econômica atrasada feudal ou semifeudal engendrou um e desenvolveu um capitalismo de tipo burocrático que mantém subjacentes relações semifeudais, como o sistema de relações da propriedade da terra, um capitalismo atrasado e atado ao capital financeiro estrangeiro, voltado a atender fundamentalmente os interesses das potências dominantes e um Estado burocrático reacionário, em que o sistema político de governo não passa de um reles gerenciamento de turno.

Vejamos que a separação do império do Brasil do reino de Portugal em 1822 nada mais foi que o marco da passagem do domínio colonial português decadente ao domínio semicolonial inglês que acumulara para a grande expansão capitalista que seria propulsada pela revolução industrial. O Estado semicolonial brasileiro, como instrumento dos grandes senhores de terras, grandes comerciantes (entre os quais os de escravos) serviu como ferrolho para impedir um desenvolvimento capitalista local, ainda que incipiente, e a ferro e fogo dar sustentação às classes possuidoras no impulsionamento das relações servis de tipo semifeudais, base sobre a qual o capital financeiro internacional engendrou um capitalismo atrasado de tipo burocrático. A abolição do trabalho escravo (1888), apesar da secular e heróica resistência, só ocorreu quando as pressões inglesas por criar um mercado mais amplo para suas mercadorias tornaram-se irresistíveis e o colapso do sistema açucareiro inevitável. A Proclamação da República (1889), quando as dezenas de movimentos e levantamentos populares regionais haviam sido *aplastados* ou capitulado suas direções, foi a iniciativa dos senhores de terras, os emergentes barões do café e grandes comerciantes em reestruturar o Estado para centralizar mais ainda o poder reacionário. A república dos coronéis nascia pelo instrumento de coerção de um exército corrupto e genocida que se fundou nos massacres na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai sob as ordens do Império Britânico e sobre os camponeses livres de Canudos. Tampouco aplacou-se as crises políticas livrando-se da monarquia, insurreições se levantaram nas décadas seguintes contra o despotismo dos senhores de terra. Porém o movimento da Aliança Liberal que culminou na tomada do poder em 1930 com Vargas à cabeça, longe de representar as aspirações democrático-burguesas do Movimento Tenentista, representou exatamente a traição do movimento revolucionário democrático-burguês e foi uma nova reestruturação do velho Estado para centralizar o poder nas mãos de uma emergente burguesia, a burocrática, que se servirá do aparelho do Estado para alavancar seus capitais.

Abriu-se com esses acontecimentos novo período de instabilidade e de permanente pugna e conluio com a fração compradora e latifundiários. Novos levantamentos, o golpe de 1937, o golpe de 1945 para satisfazer o domínio ianque em substituição ao imperialismo inglês, a Constituinte de 46 e proscrição do PCB, novo golpe contra Vargas, o de 1954, as crises golpistas no governo JK, da renúncia de Jânio e posse de Goulart até o golpe triunfante de 1964 que consolidou a hegemonia ianque na dominação do País. Vinte anos de regime fascista aberto e mesmo derrotando as forças populares não pode conter as crises políticas. A chamada “redemocratização” eufemismo para a transição do gerenciamento militar ao civil, não passou de um acordão de uma esquerda capitulacionista revisionista com o velho Estado. A nova república de Tancredo e Sarney é o final do ciclo de hegemonia da fração burocrática. Pois com Collor e FHC, dentro das exigências impostas pela reestruturação capitalista mundial denominada de “globalização” se dá a

retomada da fração compradora no controle do aparelho de Estado. Por fim com Luiz Inácio, o velho Estado entra em novas e duras contendas entre as duas frações, precipitando a crise do capitalismo burocrático para seus capítulos finais na tragédia que tem sido a história de nosso país.

Assim que, a crise política que se manifesta no Brasil de tempos em tempos não pode ser solucionada senão apenas contornada e adiado seu desfecho. Suas causas estão no sistema semicolonial com que há séculos o imperialismo domina nosso país. O imperialismo impõe um sistema de exploração através da grande burguesia compradora e burocrática e dos latifundiários, cujo domínio político se dá através do velho Estado burocrático e seus gerentes de turno, para arrancar o máximo na exploração do trabalho do povo e saquear as riquezas do país. Este sistema faz com que as frações e grupos destas classes dominantes serviçais do imperialismo disputem entre si, numa relação contínua de pugna e conluio, o que sobra do extraído pelo imperialismo na exploração do nosso povo e no saque da nação. O descontentamento permanente das massas populares, por sua vez, de tempos em tempos, faz surgir situações de grande comoção e efervescência política que sempre é confrontada com toda truculência de um aparelho repressivo dotado de todos os meios e recursos e sempre de prontidão. Sem a emergência das massas organizadas e chefiadas por uma força revolucionária altamente organizada para uma ruptura revolucionária a participação destas sempre será, como tem sido na maioria dos episódios de nossa história recente, massas de manobras das classes dominantes e do imperialismo, seja através de um golpe militar ou de outras máscaras, tal como se servem do atual gerenciamento do oportunismo.

O que ocorre então quando a situação fica muito grave é que os grupos de poder que representam no Estado as frações da grande burguesia e do latifúndio aprofundam sua divisão abrindo um vácuo por onde a luta das massas podem penetrar para derrubar a dominação. O imperialismo então busca forçar uma trégua, um acordo que não tem como objetivo superar a crise, mas dar uma sobrevida a este sistema de exploração e opressão. Mas quando a crise atinge uma escala mundial como a que se desencadeou agora impulsiona e potencializa ainda mais a situação revolucionária que se desenvolve de forma desigual no mundo, em nosso continente e no país, criando grandes possibilidades revolucionárias para as massas exploradas e oprimidas. A situação revolucionária é produto de leis objetivas e independem da vontade de quem quer que seja, das classes dominantes ou das dominadas.

Mas se as massas não conseguem aumentar crescentemente sua luta e principalmente forjar uma vanguarda capaz de apontar o caminho da luta política pelo Poder, as classes dominantes terminarão por chegar a um acordo ou uma de suas frações submeterá as demais lançando mão do Estado policial fascista desencadeando uma contra-revolução armada para esmagar as massas em luta e destruir suas organizações. E isto sempre será possível de acontecer enquanto o povo não conseguir intervir com força e violência revolucionária, de forma organizada e independente dos partidos oficiais eleitoreiros, criando uma saída revolucionária. Para tal, o fator decisivo é a constituição do partido de vanguarda do proletariado que armado da ideologia revolucionária empunhará o programa capaz de unir a todos explorados e oprimidos pelo imperialismo, pela grande burguesia e pelos latifundiários, constituindo e construindo no fogo da luta de classes uma frente única revolucionária das classes oprimidas, baseada na aliança da classe operária com os camponeses, principalmente pobres e um exército popular para tomar o poder e defendê-lo.

A farsa do governo da frente popular oportunista eleitoreira, como esgotamento dos planos “democráticos” do imperialismo para salvar e manter seu guardião o velho Estado burocrático-latifundiário, encena seus últimos atos. Os sete anos de seu gerenciamento são prova cabal de todo o significado da política oportunista, a quem ela serve e a que conduz. Serve ao sistema de exploração brutal, de opressão e repressão descarada sobre as massas em luta. Senão o que são as repressões e assassinatos contra os camponeses em luta pela terra e a matança repugnante de pobres nas favelas dos grandes centros do país? Serve à grande burguesia, aos latifundiários e ao imperialismo. Senão o que são os lucros de magnitudes astronômicas dos bancos, as mamatas das grandes corporações, a proteção dos latifundiários e o perdão eterno das dívidas dos “heróis usineiros”, as dádivas ao “agronegócio”? E a farra do superávit primário com pagamentos de centenas de bilhões de dólares a títulos de uma dívida que já foi paga inúmeras vezes, as generosas remessas de lucros para as matrizes das corporações estrangeiras, o saqueio das riquezas naturais? E o que dizer da política bandidesca de enviar tropas para oprimir e assassinar o povo haitiano em sua luta de libertação? É sim, a antecâmara, o prelúdio do capítulo final da contra-revolução no Brasil. As massas esperam que seus mais esclarecidos, conscientes e abnegados filhos levantem alto a bandeira da revolução e bradem as ordens de batalhas.

**A análise e compreensão científicas da realidade remetem à ação revolucionária por transformá-la**

Pois bem, para que serve então compreender tudo isto se não for para agir conscientemente lançando-se com o máximo de energia na luta? A verdade é que hoje uma nova grande onda da revolução mundial se iniciou. Ela está composta de variadas lutas em todo mundo. São massas populares na guerra de libertação contra a invasão imperialista como no Iraque, Afeganistão, Palestina e Líbano. São lutas das massas trabalhadoras e da juventude nos próprios países imperialistas contra o capital e suas políticas de lançar a crise nas costas do povo. São lutas armadas revolucionárias e as mais avançadas guerras populares dirigidas por partidos comunistas marxistas-leninistas-maoístas no Peru, na Índia, na Turquia, Filipinas e outros países. Em muitos países estão em marcha preparativos para o desencadeamento da luta armada revolucionária. Como nesses países no Brasil da mesma forma só com a luta revolucionária e a revolução será possível acabar com estas crises políticas, com a corrupção e todos os desmandos e males que infelicitam o nosso povo, derrubando todo este sistema semicolonial de exploração e opressão.

Daí a necessidade de maior organização e esforço do Movimento Estudantil para integrar as massas estudantis e os intelectuais honestos na frente única revolucionária. Sem um movimento estudantil revolucionário que se incumba e empenhe na propaganda e agitação revolucionárias não se pode despertar as massas da juventude, principalmente dos grandes centros urbanos para a luta. Pois só com mais e mais agitação e propaganda revolucionárias para desmascarar as manobras e enganos do governo, da imprensa fascista e dos oportunistas da “oposição”, apontando o caminho da luta combativa e revolucionária é que se poderá liberar as imensas energias de milhares e centenas de milhares da juventude para romper com as ilusões e se lançarem pelo caminho da revolução.

Mais que nunca se faz necessárias ações sistemáticas para desenvolver o novo movimento estudantil revolucionário para desmascarar e repelir a ação dos oportunistas da UNE e UBES (PCdoB), revelar através da prática revolucionária o papel conciliador dos centristas Conlute (PSTU, PSOL, trotskistas), revelar para as massas o papel eleitoreiro dos enganadores revisionistas (PCR, PCB, PCdoB, PT, etc.), lutar pela preparação da Greve Geral contra a “reforma” universitária, somando a luta combativa estudantil à luta classista dos operários pela preparação da Greve Geral contra as reformas antioperárias, levantando ao mesmo tempo a bandeira da revolução agrária, organizando o apoio à luta dos camponeses pobres.

É no travar dessas batalhas que se eleva o nível de consciência das massas estudantis revelando que o seu caminho não é o eleitoreiro, é o da frente única revolucionária e que sua luta deve servir a desenvolver e solidificar a aliança operário-camponesa, que é a força de base principal da FUR para levar a luta democrática revolucionária ao seu triunfo em nosso país.

O verdadeiro movimento estudantil democrático, popular e revolucionário só pode surgir e se desenvolver em meio a essas batalhas, servindo ao povo e à revolução.

Movimento Estudantil Popular Revolucionário  
Fevereiro de 2009